

Timur Vermes

ELE ESTÁ DE VOLTA

Er Ist Wieder Da

Traduzido do alemão por
João Henriques

Acordar na Alemanha

O povo foi quem mais me surpreendeu. Eu fiz, de facto, o que era humanamente possível para destruir todas as bases de uma existência futura nesta terra profanada pelo inimigo. Pontes, centrais elétricas, ruas, estações, ordenei que todas essas coisas fossem destruídas. Voltei entretanto a ler essa ordem, foi em março, e penso que a este respeito me exprimi com absoluta clareza. Todas as infraestruturas de abastecimento deveriam ser arrasadas. Estações de fornecimento de água, instalações telefônicas, meios de produção, fábricas, oficinas, quintas, todo o tipo de bens materiais, tudo! E este “tudo” queria mesmo dizer “tudo”. É preciso ter cuidado para que não haja qualquer espécie de dúvida em relação a uma ordem como esta. Já se sabe que, no terreno, o soldado comum, a quem compreensivelmente falta na linha da frente a consciência e visão do contexto tático, haverá de perguntar: “Mas também tenho de incendiar isto e aquilo? Então este quiosque, por exemplo, não pode cair nas mãos do inimigo? É assim tão grave se este quiosque cair nas mãos do inimigo?” É claro que é grave! O inimigo também lê jornais! Ele vai começar a vender coisas, vai usar o quiosque contra nós, vai usar contra nós tudo o que encontrar pela frente! Temos de destruir tudo, e sublinho mais uma vez, tudo o que é de valor, não só os edifícios como também as portas. E as maçanetas. E depois também os parafusos, incluindo os mais pequenos. Os parafusos têm de ser retirados e entortados sem misericórdia. E as portas têm de ser desfeitas em serradura. E depois queimadas. É que senão o inimigo irá ele próprio entrar e sair por estas portas a seu bel-prazer, sem qualquer complacência. Mas com uma maçaneta estragada, parafusos completamente tortos e um monte de cinzas, então muito boa sorte, Sr. Churchill! Em todo

o caso, e disso eu nunca tive dúvidas, tudo isto é consequência brutal da guerra, pelo que as minhas ordens nunca poderiam ter sido outras, mesmo que o pano de fundo tivesse sido diferente.

Pelo menos originalmente.

Era impossível negar que o povo alemão, nesse combate épico contra os Ingleses, o bolchevismo e o imperialismo, provara ser a facção derrotada, perdendo assim, há que dizê-lo sem rodeios, o direito a continuar a existir, mesmo que fosse ao nível mais primitivo da caça e recoleção. A partir desse momento, perdera igualmente todo o direito a ter estações de abastecimento de água, pontes e ruas. E também o direito a maçanetas. Daí eu ter dado essa ordem, também no fundo para acabar de vez com a coisa, pois nessa altura eu dei umas quantas voltas diante e em torno da chancelaria e era impossível ignorar que os Americanos e os Ingleses, com as suas fortalezas voadoras, tinham-nos já, em larga medida, poupado uma parte considerável do trabalho, no que às minhas ordens dizia respeito. É evidente que, nos tempos que se seguiram, eu não controlei ao pormenor a implementação das minhas ordens. Não é difícil de imaginar o quão ocupado eu estava a esmagar os Americanos a ocidente, a defender-me dos Russos a leste, a prosseguir com o desenvolvimento urbanístico da capital mundial Germânia, etc. Porém, na minha opinião, o exército alemão tinha de ter acabado com as maçanetas. E é nessa medida que, na verdade, este povo já não deveria existir.

Só que verifico que ainda existe.

Isso é algo que não consigo conceber.

Para além disso, eu também ainda aqui ando. E isso é algo que tão-pouco consigo entender.

I.

Lembro-me de acordar. Devia ser o início da tarde. Abri os olhos e olhei para o céu por cima de mim, um céu azul com umas quantas nuvens. O tempo estava quente e imediatamente me dei conta de que estava demasiado quente para abril. Quase se poderia dizer que estava calor. O ambiente estava comparativamente calmo. Por cima de mim não se viam aviões inimigos, não se ouvia artilharia, nem explosões nas redondezas ou sirenes antiaéreas. Verifiquei que também não havia chancelaria ou *bunker* que se visse. Virei a cabeça de um lado para o outro e constatei que estava deitado num baldio, rodeado de paredes laterais de edifícios, feitas de tijolo, em parte conspurcadas. Fiquei irritado e decidi logo mandar chamar o Dönitz. Ainda meio a dormir, comecei por pensar que o Dönitz deveria estar algures por perto, mas depois sobreveio a disciplina e a lógica de pensamento e rapidamente me apercebi da singularidade do lugar. É que normalmente não costumo estar assim a céu aberto.

Comecei por pensar no que tinha feito na noite anterior. Não precisava de me preocupar com qualquer consumo desmesurado de álcool, uma vez que pura e simplesmente não bebo. A última coisa de que me lembrava era de estar sentado com a Eva num sofá. Lembrava-me também de que eu ou nós os dois estávamos ali sentados numa certa despreocupação. Eu tinha encerrado a minha consciência e deixado um pouco em paz os assuntos de Estado. Não tínhamos planos para o serão. Jantar fora, ir ao cinema ou qualquer coisa do género estava naturalmente fora de questão. Por esta altura, a oferta de convívio na capital do *reich* era já agradavelmente escassa, em larga parte de acordo com as ordens que eu tinha dado. Eu não conseguia dizer com certeza se nos dias seguintes

Estaline entraria na cidade, sendo que naquela fase do conflito tal não era de descartar por completo. O que eu podia dizer com segurança era que aqui em Berlim ele haveria de procurar um animatógrafo tão em vão como em Estalinegrado. Penso que eu e a Eva ficámos depois um pouco à conversa, e eu tinha-lhe mostrado o meu velho revólver. Agora, ao acordar, já não me conseguia lembrar de mais pormenores. Era também porque estava com dores de cabeça. Não, não me valia de grande coisa estar a tentar lembrar-me da noite anterior.

Decidi, por conseguinte, tomar as rédeas dos acontecimentos e lidar com a situação em que me encontrava. Na minha vida aprendi a observar, a contemplar, a dar-me conta muitas vezes das mais pequenas coisas, às quais muitos letrados não dão suficiente importância, chegando mesmo a ignorá-las. Pelo contrário, posso dizer de consciência tranquila que, graças a anos e anos de disciplina férrea, em momentos de crise fico mais ponderado, com mais sangue-frio e os sentidos mais apurados. Trabalho com precisão e tranquilidade, como uma máquina. Resumo metodicamente as informações de que disponho. Estou deitado no chão. Olho à minha volta. Há lixo ao pé de mim. Crescem ervas daninhas, hastes de plantas, aqui e ali um arbusto, também uma margarida, um dente-de-leão. Ouço vozes não muito longe, gritos, o ruído de algo a bater de forma continuada. Olho na direção do ruído. São uns quantos rapazes a jogar futebol. Já não são nenhuma criança. São demasiado novos para a milícia popular, mas fazem provavelmente parte da Juventude Hitleriana. Ao que parece, estão de momento fora de serviço. O inimigo deve estar a fazer uma pausa. Um pássaro mexe-se nas ramagens de uma árvore. Canta e chilreia. Para algumas pessoas, isso é apenas sinal de boa disposição, mas neste lugar incerto, dependendo de toda e qualquer informação, que pode não ser assim tão escassa, o conhecedor da Natureza e da quotidiana luta pela sobrevivência pode daí concluir não estarem presentes quaisquer predadores. Tenho uma poça junto à cabeça. Parece já ter sido maior. Choveu muito, provavelmente, mas há já algum tempo que não. É assim que trabalha o meu robusto intelecto, mesmo nestes momentos de perplexidade.

Sentei-me. Consegui fazê-lo sem problemas. Mexi as pernas, as mãos, os dedos, não parecia estar ferido. Gozava de uma boa condição física, estava seguramente de perfeita saúde, excetuando as dores de cabeça. Até a tremura da minha mão parecia ter desaparecido quase por completo. Olhei para baixo, para mim próprio. Estava vestido, de uniforme, o traje do soldado. Estava um pouco sujo, ainda que não muito, pelo que podia concluir não ter ficado soterrado. O uniforme estava com terra e, tanto quanto me parecia, também com migalhas de biscoito, bolo ou coisa do género. O tecido tinha um cheiro intenso a combustível, talvez gasolina. Talvez a Eva tivesse porventura tentado limpar-me a farda, certamente com uma quantidade exagerada de diluente. Até parecia que me tinha deitado um bidão inteiro em cima. Ela não estava ali, e o meu pessoal também parecia não andar por perto. Sacudi a sujidade maior do uniforme e das mangas, após o que comecei a ouvir vozes.

– Olha-me só para aquilo.

– Quem é aquele velho?

Eu parecia estar com aspeto de quem precisava de ajuda, e isso foi algo que os três jovens hitlerianos reconheceram de modo exemplar. Pararam de jogar futebol e aproximaram-se respeitosamente. Era compreensível. Encontrar assim de repente, cara a cara, o *Führer* do *reich* alemão, num terreno abandonado, utilizado tanto para desporto como para treino físico, entre uma margarida e um dente-de-leão, isso é um acontecimento pouco comum no quotidiano de um rapaz, de um indivíduo ainda não totalmente amadurecido. Não obstante, o pequeno bando aproximou-se rapidamente, como cães, prontos a ajudar. A juventude é o futuro!

Os miúdos juntaram-se a certa distância à minha volta e examinaram-me, após o que o maior, aparentemente o líder, se virou para mim e perguntou:

– Tudo bem, Mestre?

Apesar de todas as preocupações que tinha, não pude deixar de notar a total ausência da saudação alemã. Com certeza que a abordagem largamente informal e a confusão entre “Mestre” e “*Führer*” eram

culpa da surpresa de me ver por ali. Numa situação de menor perplexidade, a minha presença ter-lhes-ia suscitado possivelmente uma alegria involuntária, da mesma forma que têm lugar os mais bizarros comportamentos debaixo da implacável tempestade de aço das trincheiras. Ainda assim, o soldado tem de mostrar por sua própria iniciativa determinados automatismos, mesmo em situações pouco comuns. É para isso que serve o treino. Se falham estes automatismos, então o exército inteiro não vale um caracol. Levantei-me, o que não foi nada fácil. Parecia que tinha estado deitado durante muito tempo. Mesmo assim, endireitei o uniforme e limpei as calças de forma insuficiente com uma pequena e fraca sacudidela. Depois aclarei a voz e perguntei ao líder do grupo:

– Onde está o Bormann?

– Quem é que é esse?

Não dava para acreditar.

– Bormann! Martin!

– Não conheço.

– Nunca ouvi falar.

– Como é que ele é?

– Como? Como um líder nacional, com os diabos!

Havia aqui algo de muito estranho. Ao que parecia, eu encontrava-me efetivamente ainda em Berlim, embora aparentemente despojado de todo o aparelho governativo. Parecia-me evidente que tinha de voltar urgentemente ao *bunker*, pois aqueles jovens não podiam ser de grande ajuda. Para começar, era preciso encontrar o caminho. A zona incaracterística onde me encontrava podia ser em qualquer parte da cidade. Mas eu tinha de me meter pelas ruas. Nesta aparentemente já longa pausa de fogo inimigo, devia haver transeuntes, trabalhadores e condutores que me pudessem mostrar o caminho.

Provavelmente, aos olhos dos jovens hitlerianos, eu não parecia necessitar assim tanto de ajuda, já que pareceram querer retomar o jogo de futebol. Em todo o caso, quando o maior dos três se virou para os seus companheiros, pude ler o nome que a sua mãe lhe bordara no equipamento de cores berrantes.

– Jovem Ronaldo! Como é que eu chego à rua?

A reação foi tímida e tenho de dizer infelizmente que o soldado praticamente não prestou atenção. No entanto, um dos dois mais pequenos apontou com a mão indolente para um dos cantos do terreno onde, a um olhar mais atento, era efetivamente possível vislumbrar uma passagem. Tomei uma nota mental do género “despedir o Rust” ou “afastar o Rust”. Desde 1933 que o homem estava no governo, e é precisamente na área da educação que não pode haver desleixes excessivos como aqueles. Como pode um soldado achar o caminho vitorioso rumo a Moscovo, ao coração do bolchevismo, se nem sequer reconhece o seu comandante supremo?

Caminhei a passos seguros na direção indicada. Dobrei uma esquina e segui por uma passagem estreita entre paredes altas, no final da qual brilhava a luz da rua. Um gato tímido passou por mim encostado à parede. Tinha manchas de várias cores e estava maltratado. Depois dei quatro ou cinco passos e saí para a rua.

Fiquei sem respiração perante o tremendo assalto de luz e cor. Lembra-me de ultimamente achar a cidade cinzenta, com consideráveis montes de destroços e ruínas. Mas diante de mim estava algo totalmente diferente. As ruínas tinham desaparecido, ou pelo menos tinham sido removidas, e as ruas estavam desimpedidas. Em vez disso, as artérias estavam ladeadas de inúmeras viaturas coloridas, que em tudo se assemelhavam a automóveis, embora fossem mais pequenas. Pareciam, porém, tão avançadas que dava a impressão de que as oficinas Messerschmitt tinham colaborado de forma competente na sua conceção. Os edifícios estavam pintados de fresco, de cores diferentes, o que aqui e ali me fazia lembrar as pastelarias da minha infância. Confesso que fiquei um pouco tonto. O meu olhar procurava coisas familiares. Vi um sórdido banco de jardim do outro lado da rua, numa faixa de relva, e dei alguns passos nessa direção. Não tenho vergonha de dizer que os meus passos talvez tenham parecido algo inseguros. Ouvi uma buzina, o som da borracha a travar no asfalto e depois alguém a gritar:

– Ouve lá, ó velho! És cego ou quê?

– Eu... Peço desculpa... – ouvi-me a mim próprio dizer, assustado e aliviado ao mesmo tempo. Ao meu lado estava um ciclista. Ao menos aquela imagem era-me familiar, duplamente até, em comparação com o resto. Estávamos portanto ainda em guerra, já que, como proteção, o ciclista trazia na cabeça um capacete bastante danificado por ataques anteriores, na verdade completamente esburacado.

– Vê lá por onde andas!

– Eu... Perdão... Tenho... Tenho de me sentar.

– Tu devias era deitar-te. E de preferência durante algum tempo.

Encontrei refúgio no banco de jardim. Devia estar algo pálido quando me deixei cair sobre o banco. Também este jovem indivíduo parecia não me ter reconhecido. Mais uma vez, nada de saudação alemã. Pela reação dele, parecia que tinha dado de caras com um transeunte qualquer, sem a mínima importância. E isto parecia ser prática comum em todo o lado. Um senhor mais velho passou por mim e abanou a cabeça. Depois foi uma senhora volumosa, com um carrinho de bebé todo futurista. O carrinho era de novo um elemento familiar, embora pouco ajudasse a minha situação desesperada. Levantei-me e dirigi-me a ela, com uma postura forçada, a fingir firmeza.

– Perdão, talvez isto a surpreenda, mas... preciso urgentemente de encontrar o caminho mais rápido para a chancelaria.

– Você é de algum programa de televisão?

– Como?

– Em que canal é que passa?

Pode ter sido o meu nervosismo que me deixou um tanto ou quanto indignado e me fez agarrar-lhe o braço.

– Preste atenção, minha senhora! Como patriota que é, a senhora tem deveres a cumprir! Estamos em guerra! O que é que pensa que os Russos vão fazer consigo quando aqui chegarem? Acha que vão olhar para si e dizer: “Ora aqui está uma bela rapariga alemã, toda tenrinha, mas por respeito ao bebé vou manter os meus instintos dentro das calças?” É nestas horas, nestes dias, que se discute a continuidade do povo alemão, a pureza do sangue, a sobrevivência da Humanidade. Quer ser

responsável, perante a História, pelo fim da civilização, só porque, na sua incrível estupidez, não lhe apetece indicar ao *Führer* do *reich* alemão o caminho para a sua chancelaria?

Já não estranhei a reação dela. A idiota libertou-se da minha mão, olhou para mim perplexa, e pôs-se a fazer movimentos circulares com o dedo junto à cabeça, num claro gesto de reprovação. Não valia a pena discutir. Alguma coisa tinha acontecido. Eu já não era tratado como um líder militar, como o líder do *reich*. Os miúdos do jogo da bola, o senhor mais velho, o ciclista, a senhora do carrinho de bebé... Isto não podia ser um acaso. O meu impulso seguinte foi notificar os órgãos de segurança, de forma a restabelecer a ordem. Mas contive-me. Não sabia o suficiente acerca da situação em que me encontrava. Necessitava de mais informações. O meu intelecto, de novo a trabalhar de forma metódica, recapitulou e com uma frieza polar fez o ponto da situação. Estava na Alemanha, em Berlim, ainda que nada me fosse familiar. Era uma Alemanha diferente, apesar de algumas coisas se assemelharem ao *reich* que eu conhecia: ainda havia ciclistas, automóveis e provavelmente também jornais. Olhei à minha volta. Com efeito, debaixo do meu banco, estava algo que se assemelhava a um jornal, ainda que impresso com uma certa extravagância. Era uma publicação colorida, que eu desconhecia por completo, e que se chamava *Media Markt*. Por mais que me esforçasse, não me lembrava de alguma vez ter autorizado uma coisa do género, e também jamais o teria feito, uma vez que as informações nele contidas eram absolutamente incompreensíveis. Fiquei bastante irritado ao ver como, em tempos de escassez de papel, alguém podia desbaratar irremediavelmente preciosos recursos do povo com lixo tão descabido. O Funk bem que se podia preparar para uma repreensão assim que eu voltasse a sentar-me à secretária. Mas agora, o que eu precisava era de notícias fiáveis, de um jornal como o *Völkischer Beobachter*, como o *Stürmer*. Naquele momento, até teria ficado satisfeito com um *Panzerbär*. Com efeito, havia um quiosque não muito longe, e até à considerável distância a que eu estava era possível perceber que parecia ter uma espantosa oferta de publicações. Quem não soubesse, diria estarmos a viver

na mais profunda e ociosa liberdade! Levantei-me com impaciência. Já tinha perdido demasiado tempo. Estava na hora de restabelecer rapidamente a ordem das coisas. As tropas necessitavam de instruções e a minha ausência possivelmente já era sentida noutro lugar. Dirigi-me a passo apressado para o quiosque.

Um olhar mais atento permitiu-me desde logo obter informações interessantes. Na parede exterior do quiosque estavam penduradas inúmeras publicações coloridas em língua turca. Ao que levava a crer, ultimamente andavam por ali muitos turcos. Devia ter passado muito tempo desde que eu ficara inconsciente, durante o qual muitos turcos teriam vindo para Berlim. Era notável. Os Turcos, em teoria um fiável apoio do povo alemão, tinham permanecido sempre neutrais, apesar dos consideráveis esforços em contrário. Fora sempre impossível persuadi-los a entrarem na guerra ao lado do *reich*. No entanto, durante a minha ausência, parecia que alguém, provavelmente o Dönitz, devia ter conseguido convencer os Turcos a apoiarem-nos. Ademais, a atmosfera de liberdade que se sentia nas ruas dava a entender que a entrada dos Turcos provocara uma mudança decisiva no curso da guerra. Eu estava boquiaberto. É verdade que sempre respeitara os Turcos, mas jamais confiara num desempenho desse calibre. Por outro lado, por falta de tempo, eu não pudera seguir ao pormenor o desenvolvimento do país. As reformas de Kemal Atatürk deviam ter dado à Turquia um impulso absolutamente fantástico. Parecia ter sido o milagre no qual Goebbels sempre depositara as suas esperanças. O meu coração batia agora pleno de ardente confiança. Valera a pena que eu, que o *reich*, jamais tivesse deixado de acreditar na vitória final, mesmo nos momentos supostamente mais sombrios. Quatro ou cinco diferentes publicações em língua turca de cores berrantes testemunhavam de forma indesmentível a existência de um novo e bem-sucedido eixo entre Berlim e Ancara. Agora que a minha maior preocupação – a saber, o bem-estar do *reich* – parecia ter sido mitigada da forma mais surpreendente, tinha ainda de descobrir quanto tempo perdera naquele baldio entre edifícios, naquele curioso estado crepuscular.

Não havia *Völkischer Beobachter* à vista. Provavelmente estava esgotado. Lancei depois os olhos para uma outra publicação aparentemente de confiança, um certo *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Não conhecia o jornal, mas, comparado com outros, o tipo de letra do título inspirava-me confiança. Não perdi tempo a ler as notícias e fui logo à procura da data.

Punham 30 de agosto.

2011.

Fiquei a olhar para o número, perplexo, incrédulo. Fui ver um outro jornal, o *Berliner Zeitung*, também este apresentando uma imaculada escrita alemã. Procurei a data.

2011.

Vi o número começar a dançar diante de mim, quase em jeito de escárnio. Movia-se lentamente para a esquerda, depois mais depressa para a direita, depois novamente e ainda mais depressa para a esquerda, ao jeito de uma dança, como é do agrado das multidões nas tendas de cerveja. Os meus olhos tentavam seguir a data, retê-la. Depois o jornal fugiu-me das mãos. Senti-me cair para a frente. Procurei em vão agarrar-me aos outros jornais que estavam no expositor, e ao cair arrastei comigo diversas publicações.

Depois ficou tudo negro.